

ÂNCORAS AO VENTO: ENSAIOS DA DESCONSTRUÇÃO EM ANA CRISTINA CESAR

Francirene Gripp de Oliveira*

RESUMO:

Este ensaio discute a produção ensaística de Ana Cristina Cesar em Escritos no Rio e suas relações com o contexto do estruturalismo e do pós-estruturalismo e com aspectos intersubjetivos das discursividades crítica, poética e biográfica. Observam-se as transições em curso, como: o retorno do sujeito à teoria literária e a emergência de temas relativos às minorias.

PALAVRAS-CHAVE: *crítica, estruturalismo, subjetividade, significações, minorias.*

Ana Cristina César construiu uma visão crítica da cultura, dedicando-se, simultaneamente, à poesia, à tradução de textos literários e à escrita de ensaios. A todas essas atividades, aplicou os critérios estéticos de um rigor pessoal e de uma sintonia constante com as teorias desenvolvidas nas áreas das ciências humanas. A intensidade de seu trabalho torna-se evidente, se consideramos o conjunto de sua obra – pesquisa, tradução e poesia – e o curto espaço de tempo em que foi produzida, em razão da breve existência da autora.

Este ensaio é resultado de pesquisa efetuada com base em *Escritos no Rio* (Cesar, 1993) coletânea organizada e publicada por Armando Freitas Filho, a partir de ensaios, resenhas e entrevistas, elaborados por essa autora e publicados¹ no período de 1973 a 1983, aproximadamente, na chamada imprensa alternativa.

Buscamos demonstrar as relações da crítica de Ana Cristina Cesar com o período de transição em que as teorias estruturalistas vão sendo deslocadas por outras propostas teóricas sobre literatura, momento em que se delineia um novo

* Mestre em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Teoria da Literatura), 2001.

sujeito crítico na área dos estudos literários e culturais. Evidenciamos, então, o sentido da crítica da autora: como participa do projeto estruturalista e como, ao mesmo tempo e acentuadamente, discorda dele, propondo novas soluções e posições frente aos objetos de estudo, apoiada em teorias e procedimentos analíticos pós-estruturalistas, e demonstrando uma postura típica dos estudos culturais. Os ensaios da autora, em *Escritos no Rio*, logo, colaboram com a tarefa estruturalista de descentramento da antiga figura autoral e, ao mesmo tempo, desenvolve investigações que promovem o resgate do sujeito segundo uma outra concepção, seguindo, às vezes, métodos peculiares à analista; tais procedimentos, afinal, visam destacar temas referentes à discursividade de minorias.

O sujeito crítico da linguagem, nos ensaios de Ana Cristina Cesar, surge relativizado e contextualizado. Neles, há um claro convite ao leitor para uma reflexão conjunta a respeito da condição pós-moderna do indivíduo despossuído de si mesmo, em inserção numa sociedade multifacetada, e a respeito de certas tradições mantidas por essa cultura. A literatura é o discurso privilegiado da discussão em que esse sujeito crítico feminino experimenta transgredir algumas relações de dominação e poder. A demonstração analítica da incidência de pontos tênues e difusos, nas fronteiras entre o factual e o ficcional, contribui para a denúncia do autoritarismo, exercido em várias instâncias da linguagem, e torna evidentes as faces excluídas nesses processos majoritários de significação. Na ponta dessa linha, surge a figura do sujeito-leitor, como um parceiro do sujeito-autor, que se descobriu igualmente mutante e solitário, e que se encontra nos limites de um paradoxo.

O deslocamento da ensaísta, de uma posição estruturalista para um discurso pós-estruturalista e pós-moderno, além de evidenciar a nova visão de subjetividade, também registra os grandes confrontos teóricos do Brasil da época. Suas análises mostram um discernimento de alcance contemporâneo, quando observamos as opções teóricas, feitas entre as muitas apresentadas às demandas de interpretação. Empenhada na desconstrução de estereótipos envolvendo conceitos literários, Ana Cristina Cesar critica com severidade posturas intelectuais de escritores, editores e analistas.

A ensaísta se coloca, na crítica ao ensaio de Antônio José Saraiva, em posição contrária a todo o peso de certa tradição que esse autor representava, naquele momento. A aluna parece nascer como escritora crítica ali, no embate irônico e mordaz, em que apresenta Jorge Luis Borges como uma arma argumentativa e como prova de um novo tempo de compreensão do literário. A reação ao discurso de Saraiva também significa a rebeldia contra sua dominação patriarcal sobre o universo intelectual dos discursos a respeito do poeta Camões. Essa rebelião toma formato preciso e bastante construtivo, em termos de proposta crítica, quando ocorre a rejeição à política excludente de certas teorias, no contexto acadêmico. Nessa situação, vemos Ana Cristina Cesar propor questões ainda não colocadas na pauta de discussões públicas, como no caso de seu enfrentamento com o crítico Luiz Costa Lima, episódio em que ela sugere à instituição acadêmica, um "olhar não-onipotente em relação à produção crítica e à transmissão pedagógica" ².

Na linha dessas mudanças críticas, a analista investigará o sujeito fragmentado de Carlos Sussekind e a fragilidade dissimulada do poeta Álvares de Azevedo, apontando fatos no texto literário e no biográfico, que comprovam os novos traços visíveis no perfil do sujeito. Nesse exercício, a autora elege temas e procedimentos de leitura e escrita, de acordo com um projeto próprio. Assim, busca abrir espaço para tipos discursivos considerados menores, incluindo a chamada literatura feminina, seja ela produzida por homens ou mulheres, contribuindo, dessa forma, para a revalorização da subjetividade e sua retomada, na crítica literária, como uma via legítima para o entendimento do enunciado.

Uma vez fraturada a imagem do sujeito inteiriço, expõe-se como ilusória a pretensão de neutralidade intelectual frente ao objeto de análise, assim como se vê ameaçada uma das bases de sustentação dos processos de hierarquização de discursos, a dominação masculina e as restritas noções de gênero. Nessa época de transições, a arte passa a ser vista a partir do ângulo cultural-antropológico, desenhando-se mais como fenômeno multiculturalista. Então, firma-se a importância do papel dos circuitos lingüísticos, inclusive dos veículos de comunicação, na produção da mensagem. Em tal contexto, a leitura da ensaísta contribui para a reorientação da função social da literatura, denunciando uma prática literária conivente com as intenções totalitárias da ditadura, interessada na promoção da imagem de um país de identidade homogênea, sem contradições.

Em meio a essas questões, a sexualidade vincula-se como um tema importante nos argumentos da autora, sendo por nós analisada a partir de elementos textuais e biográficos. Ana Cristina Cesar mantinha-se em estreita relação com o universo intelectual e afetivo problemático das mulheres, inclusive em seu aspecto homossexual. Sua crítica direcionava o estabelecimento de uma linhagem de transmissão de saberes, predominantemente através de alianças femininas. A investigação desenvolvida sobre textos literários escritos por mulheres, canônicos ou não, constitui-se, também, como contribuição para o esclarecimento de certos aspectos da literatura em geral e da visão do feminino, em particular. Tais fatos atualizam-se ainda mais, se considerarmos a heterogeneidade das demandas das mulheres, localizadas em variados níveis de não-igualdades sociais, culturais e intelectuais, e que se manifestam nas formas de produção e de recepção de textos.

Junto a tais análises, para tipificar o sujeito analítico no desempenho de seu papel intelectual, investigamos como Ana Cristina Cesar estava em freqüente deslocamento, caracterizando um sujeito híbrido, fragmentado, de identidade incerta. A ensaística veemente da autora parece nascer de relações intensas com sua própria produção literária; porém, as posições desse sujeito da individualidade, já portador de conflitos típicos da pós-modernidade, ao ganharem uma proporção e um ritmo vertiginosos, precipitariam, para a ensaísta, o estado psíquico de uma profunda angústia existencial. A proposta de assumir a literatura como um segundo plano da própria existência, exercida de modo profícuo, em breve espaço temporal, acabaria redundando na ficcionalização dessa mesma existência. A poeta/ensaísta é sujeito de paradoxos, inserido numa espécie de contexto em trânsito, carregando no corpo as marcas, profundas, da cultura de sua época e das questões de sua juventude de mulher que quer dar um sentido a seus atos. Em um instante desesperado, o sujeito cindido determina sua inclusão definitiva na linguagem de uma escrita ex-cêntrica, sem limites e, em seu extremo, suicida.

Esse gesto terrível, fruto dos máximos impasses entre lucidez e delírio, amor e desamor, passível de ser descoberto na poética da autora, paradoxalmente, aponta a energia e a transformação vigorosas que predominam nos textos críticos em pauta. Toda a intenção de dar sentido aos próprios atos está visível na matéria crítica produzida; sempre submetendo sua escrita e seu objeto de análise ao rigor

da pesquisas, ao confronto dos discursos, ao xeque-mate da desconstrução de posições, pretextos, dissimulações. É esse um dos lados do sujeito do paradoxo; ou não seria tal. (É interessante notar que, na leitura de *Escritos no Rio*, o sujeito da angústia e do desespero parece insinuar-se no sujeito da crítica e da energia vital, somente uma vez, sutilmente e de modo enigmático.³)

O sujeito do discurso, em Ana Cristina Cesar, delineia-se enquanto demarca um lugar intelectual, subjetivado e subjetivador, não-alheio à sorte do indivíduo, como queria uma terapia considerada científica aplicada em certas análises extremadas do estruturalismo. É esse o outro lugar da ensaísta, ou melhor, seu outro modo de entre-lugar; nutrir-se intelectualmente do conjunto de teorias estruturalistas, para usá-las como ferramentas no mesmo processo de deslocamento de valores, o qual incide diretamente no processo de descentramento do sujeito. A autora, intelectual precoce, cresceu no auge do estruturalismo e também junto com a crítica do retorno do sujeito ao texto, escolhendo seu caminho entre os que cedo aderiram a essa perspectiva, uma vez tendo-se concluído, como uma impossibilidade, impedir a intervenção desse sujeito nos discursos de crítica literária. Sintetizou essas informações e as aplicou em procedimentos estruturalistas, fato observado nas suas ações em prol da proposta do estruturalismo: a desmistificação da idéia de sujeito centrado e, conseqüentemente, a modificação da prática de análise crítica do texto. E essa autora atua segundo postura pós-estruturalista porque prosseguiu na busca de satisfação de novas demandas teóricas. Assim, seus ensaios abrem espaço para a volta do sujeito, através da inclusão do leitor crítico no texto. Um novo leitor-crítico, que aproxima fatos e idéias, emoções e teorias, já realizando, na prática, a crítica cultural, hoje tão em voga, segundo uma intenção estética personalizada.

Portanto, a intelectual predominantemente entrevistada em *Escritos no Rio*, é o sujeito da argumentação vigorosa e comprometida com a teorização e com uma atividade de prospecção da emergência de falas subentendidas, de lugares sublocados, idéias submetidas. É o sujeito do intelecto e da emoção, reunidos e aplicados, com seriedade, numa crítica da cultura de seu tempo; que convoca a todos para a possibilidade de desancoragem das idéias. Escrita arguta e cultivada, legada como testemunho de sua geração e de seu próprio talento e brilho, a exercitar-se em oferecer meios para uma prática democrática nas relações analíticas entre autoria,

texto e leitor. A ensaísta já prenunciava um caminho de cruzamentos de variantes teóricas e de formas de análise, incluindo a feminista. Suas sugestões deixam-nos perceber, além do mais, um toque de utopia.

Dessa forma, o texto, para Ana Cristina Cesar, é toda essa apreensão cultural, e seu olhar é verdadeira rede de pesca, lançada num mar de significações. É lastimável que a autora não tenha sobrevivido ao mergulho no oceano misterioso, onde lucidez e delírio se agitam e fascinam. Esse sujeito naufraga, inundado por impasses, ancorado no mais radical paradoxo: "Estou sirgando, mas/o velame foge" (Cesar, 1998:199) - já prenunciara o sujeito poético. As cordas afrouxam-se nas mãos, parece dizer o piloto dessa embarcação. A imagem das âncoras lançadas ao vento, parte do título desse trabalho, essa imagem insólita e versátil insinuou-se em nossa imaginação, muito antes da projeção dessa pesquisa. Imagem pertinente à cena marítima, a metáfora do levantamento de âncoras evoca tanto a força necessária para se provocar uma grande mudança, quanto expõe a fragilidade dos sujeitos em situação de transição. Diante de certas circunstâncias difíceis da existência humana, muitas vezes não estamos preparados, providos com aquilo que se faz necessário. As âncoras e o mar surgiram, na verdade, durante a leitura dos poemas de Ana C.

Expressões como *wide sargasso sea*, navios, atracar, azul/azul, sereia, barca, gaivotinhas, *al mare*, ripas do cais, pirataria, velame e Arpoador foram se juntando à visão de um ensolarado Rio de Janeiro e de uma poeta à beira-mar. Com essa visão, esses poemas também trouxeram figuras de um sujeito deslocado, insolitamente exposto a águas de correntes turbulentas, com um discurso poético fluindo à margem e à deriva. Quando examinamos Escritos no Rio, a composição se alterou e outra ordem se formou, pois o sujeito perceptível agora propunha-se a desancorar questões, a nadar nas águas da linguagem de outra forma, interferindo nos ciclos das marés teóricas para enfrentar, no mar aberto da ensaística, os jogos de ondas revoltas da palavra escrita. Penso que a imagem do universo marinho, com seus mistérios e favores, contribuiu para indicar o caráter paradoxal desse sujeito, incongruente e híbrido, mas doador de si, que termina por mergulhar, para sempre, em sua própria solidão. Estaria ali o (en)canto próprio da sereia?

No entanto, a produção de Ana Cristina Cesar, sempre à margem e à deriva, tendo lançado âncoras aos ares tempestuosos de um período de transição,

alcançou fixar-se nos espaços contemporâneos, provocando novos textos, abrindo outros olhos para os horizontes da literatura brasileira e para o papel do intelectual, feminino ou não, em seu contexto. O sujeito, então, resgatado nas redes de leitura, emerge multiplicado, agora pesca definitiva de outrem.

NOTAS:

1. Os únicos textos totalmente inéditos em *Escritos no Rio* são "Notas sobre a decomposição n' *Os Lusíadas*" e "Depoimento...".
2. A citação completa é a seguinte: "Essa crítica não implica necessariamente o abandono da instituição, mas uma certa autonomia em relação a ela, um não comprometimento com os altos escalões e, sobretudo, um *olhar não-onipotente* em relação à produção crítica e à transmissão pedagógica." (Cesar, 1993: 26).
3. Referência a certas passagens poéticas em tom confessional, presentes no artigo "Pensamentos sublimes sobre o ato de traduzir"(Cesar, 1993: 149).

ABSTRACT:

An analysis of the essays by Ana Cristina Cesar in Escritos no Rio, observing their relationships with the context of structuralism and post-structuralism, and accompanying inter-subjective aspects of the critical, poetic and biographical discourse employed. The essays indicate the return of the subject to the literary theory, and researches themes relative to discursive minorities.

KEY WORDS: *criticism, structuralism, subjectivity, minorities.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CESAR, Ana Cristina. *A teus pés: prosa/poesia*. São Paulo: Ática, 1998.

_____. Ana Cristina. *Escritos no Rio / Ana Cristina Cesar*. In: Freitas Filho, Armando (Org.). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/ São Paulo: Brasiliense, 1993.